

Resenhas/Reviews

GARCIA, Célio. *Psicanálise, psicologia, psiquiatria e saúde mental: interfaces*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2002. 183p.

Ilka Franco Ferrari*

Este é um livro que resultou, como o próprio autor diz, do exercício da psicanálise em consultório e instituições de saúde. Sendo assim, e como se sabe que a carreira desse profissional é longa e bastante reconhecida pelos estudiosos da área, esta obra assume lugar de referência para os interessados na prática clínica, especialmente no contexto público.

Célio Garcia é também autor do livro *Clínica do social* (1997) e de diversos textos publicados no Brasil e no exterior. Ao chegar ao Brasil nos anos 60, depois de ter estado desde 1953 em Paris, ingressa na Universidade Federal de Minas Gerais, como um dos responsáveis pela organização do setor de psicologia social. Desde então, o universo acadêmico ouve seu nome, e o setor da clínica agradece.

A título de exemplo, cite-se a homenagem que lhe foi prestada pelo CRP 4ª Região, em cerimônia no dia 7 de agosto de 2002, nas comemorações dos 40 anos de Regulamentação da Psicologia no Brasil, e aquela conferida pela Escola de Saúde Pública e pela Prefeitura de Belo Horizonte, na pessoa do então prefeito Célio de Castro. Na parte dedicada aos agradecimentos, o próprio Célio Garcia, de forma original, proporciona ao leitor o conhecimento de um pouco de sua história.

Psicanálise, psicologia, psiquiatria e saúde mental: interfaces está articulado em três grandes subtítulos: “Psicanálise”, “Psicologia e psiquiatria”, “Saúde pública e saúde mental”.

No eixo denominado “Psicanálise”, há cinco artigos: “Psiquiatria e psicanálise”, “Complexo neuronal e preferência do sujeito”, “Desvios da sexualidade”, “Perversidade e perversão” e “Ciência e saber psicanalítico”. Em sua forma fecunda, Garcia fala da história da psiquiatria, dialoga com Freud, Lacan, Foucault e Marx. Ao abordar a questão da neurociência, não se esquece da ética e discute também a tese do lingüista francês Paul Henry (1986), que se contrapõe à versão dura da neurociência na pretensão de haver linguagem do pensamento.

Garcia pontua que Henry, ao dizer que não há transparência no nível da linguagem, porque ela é “indecidível”, o faz da maneira como Freud havia pensado em “Sentidos antitéticos em palavras primitivas”. O texto sobre os desvios da sexualidade passa pela teo-

* Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade de Barcelona, Professora do Instituto de Psicologia da PUC Minas. e-mail: ilka@pucminas.br

ria freudiana do Édipo, pelo tratamento de Hans e termina, de forma coerente com sua clínica do social, com os meninos de nossas ruas, os filhos dos pobres.

No eixo “Psicologia e psiquiatria”, Garcia desenvolve oito textos. O primeiro deles, “A unidade da psicologia”, embrenhado na questão da Unidade, do Um, revela encontros e desencontros do autor com Pierre Weil, desde os tempos de Paris. Em meio aos embates ocorridos na década de 50, entre Daniel Lagache, na Sorbonne, defendendo a reunião da Psicologia Naturalista, Psicologia Clínica e Psicanálise, e Georges Canguilhem, no Colégio Filosófico, ironicamente enviando a Psicologia para a chefatura de polícia ou para o Pantheon dos grandes homens, Garcia mostra o afeto que guardou pelo homem Pierre Weil, obstinado na perseguição da unidade da Psicologia.

Nos demais textos, “Saúde mental e psicanálise”, “Rede de redes”, “Termos e noções da clínica do social no hospital”, “É viável uma abordagem clínica no Cersam (Centro de Referência em Saúde Mental)?”, “Sabrina, uma história destroçada”, “Oficinas terapêuticas” e “Passagem ao ato, violência e urgência”, o autor dialoga com a noção de saúde psíquica de Erich Fromm, discute as questões de epidemiologia, faz aproximação do termo epidemia com doença mental, comenta o sistema de funcionamento em rede, já conhecido em Belo Horizonte, e propõe um sistema de rede de redes como matriz para se pensar uma nova estrutura de atendimento público.

A preocupação com a clínica do social o leva a precisar termos tais como demanda, cura, dor, doença, corpo, subjetividade e ética, enfatizando que “a clínica do social consiste em reescrever o que já sabemos a partir da clínica que nos foi transmitida de longa data pela medicina, praticada pelas psicoterapias e retomada pela psicanálise” (p. 116).

A abordagem clínica dos Cersam’s põe em cena a loucura, a urgência e o estresse vivido pelos profissionais que ali trabalham, segundo Garcia, em decorrência da contradição vivida em suas práticas. Para o autor, o surgimento desses serviços cria inovação prática que antecede à construção teórica. A Reforma Psiquiátrica é enfocada em diferentes ocasiões, com ênfase em alguns aspectos que ela implica: a internação, a dimensão de tempo, a noção de temporalidade, a clínica do cidadão e do sujeito.

As oficinas terapêuticas o conduzem ao mundo do trabalho, à tese de Marx sobre o homem criado pelo trabalho, e não por Deus. Levam-no até aí para que ele envie “às favas” a mencionada tese e todos os marxistas ortodoxos que desprezam o que chamam de trabalho improdutivo e, também, para que mande “às favas a reinserção social e sua cadeia de trabalho como ponto e relógio de controle (p. 150)”. Isto porque, para Garcia, nessas oficinas terapêuticas, o válido é a invenção e a criatividade no nível do próprio corpo, e não mais os valores culturais do trabalho da ética protestante. A violência, o ato e a passagem ao ato, a responsabilidade e a culpa são, ainda, temas contemplados nos meandros da clínica das urgências.

Na linha da “Saúde pública e saúde mental”, estão agrupados quatro textos: “Saúde pública – saúde coletiva – saúde a ser inventada”, “O ato e a instituição hospitalar – medicina e psicanálise”, “Imprevisibilidade e ética” e “Formação de pessoal”. Aqui são encontradas discussões sobre o público e o coletivo, o normal e o patológico e, principal-

mente, a nova clínica que Garcia propõe, apoiada na idéia de uma saúde e de uma política a serem inventadas, inspiradas em Badiou. Uma vez mais ele se dedica à questão da filosofia do ato, da psicologia do ato, da psicanálise e o ato, das urgências e do saber médico.

Introduz questões sobre a prática dos transplantes de órgãos, sobre a clonagem humana com fins terapêuticos ou reprodutivos, e enfatiza que, em muitas situações em que o corpo é tratado, havendo certa ruptura entre o sujeito e o organismo, o melhor é que se inicie antes o tratamento com o psicanalista, pois tratar de um corpo sem que esteja presente o sujeito, inegavelmente, traz dificuldades. Ao escrever sobre a formação de pessoal, desenvolve críticas sobre as práticas de apresentação de pacientes e o uso que se fez das chamadas sessões clínicas.

Vale dizer ainda que chama a atenção o fato de que os textos vão muito além de seus títulos, resultando, muitas vezes, em surpresa. É também evidente que a macrodivisão proposta no índice, “Psicanálise”, “Psicologia e psiquiatria”, “Saúde pública e saúde mental”, é sempre subvertida pela ordem dos textos, articulados entre si.

BARUS-MICHEL, Jacqueline; ENRIQUEZ, Eugène; LÉVY, André (Org.). *Vocabulaire de psychosociologie: références et positions*. Ramonville Saint-Ange: Editions Erès, 2002, 590p. ISBN 2-7492-0076-8.

Teresa Cristina Carreteiro*

Publicado no final de 2002, o *Vocabulaire de psychosociologie* é uma obra coletiva que merece a atenção dos pesquisadores das ciências humanas e sociais. Especialmente para os estudiosos da Psicossociologia, este vocabulário passará a ser mais uma importante leitura de referência, uma vez que ele contém informações e análises aprofundadas sobre as suas “referências e posições” fundamentais, incluindo-se aí os principais autores (clássicos da Sociologia, da Psicologia, da Psicanálise, da Antropologia, da Filosofia, da História, etc.) cujas contribuições teóricas ajudaram e continuam ajudando na construção desta disciplina.

Na obra se encontram também as principais noções que constituem o fundo comum da problemática teórica e prática que domina a psicossociologia francesa, que pode ser situada na linha de uma “ciência da ação”, ou como uma *praxis* engajada na vida social. Em sua originalidade, ela tem contribuído em profundidade para renovar as perspectivas teóricas e práticas, em numerosos campos da ciência aplicada, tais como os grupos, ins-

* Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade Paris VII, Professora da UFF. e-mail: tecar2@uol.com.br

tituições e organizações, os processos de mudança, as relações de poder, o tratamento dos conflitos psicológicos e sociais, as relações entre a pesquisa e as práticas sociais.

É importante notar que, entre os autores que escreveram os cinquenta e nove verbetes deste vocabulário, figuram não apenas os teóricos da psicossociologia, mas também sociólogos, etnólogos, psicólogos clínicos, psicanalistas, filósofos. Todos eles parecem partilhar um mesmo interesse por esta disciplina, cuja originalidade e coerência interna não excluem a diversidade de suas fontes, de seus campos de interesse e de suas orientações.

O **Vocabulaire de psychosociologie** foi concebido a partir das atividades desenvolvidas, em quase dez anos, pelo Centre International de Recherche, Formation et Intervention Psychosociologiques (Cirfip), que reúne pesquisadores franceses e de diversos outros países da Europa, da África, da América Latina e da América do Norte. O Cirfip tem se ocupado de pesquisas e promoção de eventos científicos, por meio de diversos grupos de trabalho, além de editar uma revista, a **Revue Internationale de Psychosociologie**. Atualmente, ele está buscando construir novas alternativas de formação e de intervenção.

Esta obra aqui resenhada deixa bem entrever a Psicossociologia como uma disciplina em desenvolvimento contínuo, que se alicerça nos eixos da compreensão e da intervenção. Ela expõe as posições epistemológicas e técnicas que fundamentam os modos de pensamento e as práticas dos psicossociólogos, naquilo que se refere à análise de processos e de acompanhamento das mudanças, em contextos institucionais e organizacionais distintos.

Nada melhor, para explicitar esta orientação do **Vocabulaire**, que apresentar a estrutura na qual se distribuíram os verbetes, dividida em três partes, que apresentamos a seguir:

I) A primeira se denomina “Objetos e processos”, contendo noções que representam as referências mais significativas da Psicossociologia. Aí os autores indicam o contexto de emergência de cada noção, explicitando suas significações, por meio de uma análise crítica, mostrando seu interesse nos planos da teoria e da prática. São os seguintes os verbetes – com seus autores – desta primeira parte:

Acte (ato) – Gérard Mendel

Acteur (ator) – Renaud Sainsaulieu

Anomie (anomia) – Jean-Claude Filloux

Autonomie (autonomia) – Blaise Ollivier

Autorité (autoridade) – Jacques Ardoino

Changement (mudança) – Jacques Rhéaume

Communauté (comunidade) – Jean Dubost

Complexité (complexidade) – Max Pagès

Conflit (conflito) – José Newton Garcia de Araújo e Teresa Cristina Carreteiro

Crise (crise) – Florence Giust-Desprairies

Culture et civilisation (cultura e civilização) – Jacques Ardoino

Expérience (experiência) – Robert Sévigny

Groupes (grupos) – Alain Aymard

Idéalisation-sublimation (idealização-sublimação) – Eugène Enriquez
Identification (identificação) – Guy Jobert e Jacqueline Palmade
Identité (identidade) – Vincent de Gaulejac
Institution (instituição) – Rémi Hess
Interaction (interação) – Edmond Marc e Dominique Picard
Normes et déviance (normas e desvio) – André Sirota
Organisations (organizações) – André Lévy
Pouvoir (poder) – Jacqueline Barus-Michel e Eugène Enriquez
Projet (projeto) – Jean-Pierre Boutinet
Représentation et imaginaire (representação e imaginário) – Florence Giust-Desprairies
Rites et rituels (ritos e rituais) – Dominique Picard
Sujet (sujeito) – Jacques Ardoino e Jacqueline Barus-Michel
Système (sistema) – Oscar Ortsman
Travail (trabalho) – Dominique Lhuillier

II) A segunda parte da obra, denominada “Démarches e práticas”, foi concebida a partir dos objetos epistêmicos e processos que constituem o pano de fundo comum dos psicossociólogos, sua linguagem e suas alternativas de ancoragem, nos campos da teoria, da pesquisa e das práticas. Ela contém os seguintes verbetes:

Analyse de discours (análise do discurso) – Florence Giust-Desprairies e André Lévy
Analyse des pratiques (análise das práticas) – André Lévy
Clinique et sens (clínica e sentido) – Jacqueline Barus-Michel
Demande (demanda) – Christian Michelot
Dynamique des groupes (dinâmica dos grupos) – Alain Aymard
Entretien (entrevista) – Annie Charlotte Giust
Formation (formação) – Guy Jobert
Histoires de vie (histórias de vida) – Jean-Louis Le Grand
Implication (implicação) – Gilles Amado
Observation participante (observação participante) – Georges Lapassade
Recherche-action et intervention (pesquisa-ação e intervenção) – Jean Dubost e André Lévy

III) A terceira parte, intitulada “Autores de referência”, reúne não só os precursores ou fundadores dos domínios teórico e prático que fizeram nascer a Psicossociologia, como também alguns autores, de reconhecimento internacional, cujas contribuições teóricas e práticas estão essencialmente ligadas aos interesses específicos da Psicossociologia. São eles:

Bion, Wilfred R. – Ophélie Avron
Castoriadis, Cornelius – Florence Giust-Desprairies
Devereux, Georges – Ruth Canter Kohn
Durkheim, Émile – Jean-Claude Filloux

École de Francfort – Jacqueline Palmade
Elias, Norbert – Pierre Ansart
Fourier, Charles – René Scherer
Freud, Sigmund – Eugène Enriquez
Goffman, Erving – Jacques Cosnier
Halbwachs, Maurice – Yves Déloye
Le Bon, Gustave – Rémi Hess
Lewin, Kurt – Christian Michelot
Mauss, Marcel – Marcel Fournier
Mead, Georges Herbert – Jacques Cosnier
Merton, Robert King – Jean-Claude Filloux
Moreno, J. L. – Anne Ancelin-Schützenberger
Rogers, Carl – André de Peretti
Schütz, Alfred – René Scherer
Simmel, Georg – Eugène Enriquez
Tarde, Gabriel – Jean-Claude Filloux
Weber, Max – Jacqueline Palmade

Apesar de ser uma obra bastante ampla, o **Vocabulaire** tem, a nosso ver, uma lacuna que mereceria ser reparada. É que nele estão ausentes as contribuições dos grandes autores atuais e/ou fundadores da Psicossociologia na França (Max Pagès, Eugène Enriquez, André Lévy, Jean Dubost, J. C. Rouchy, G. Palmade, entre outros). Com efeito, eles fizeram parte do grupo responsável pelo florescimento desta disciplina, a Association pour la Recherche et l'Intervention Psycho-sociologiques (Arip), em 1959.

Mesmo reconhecendo a importância que tiveram na construção e no desenvolvimento da Psicossociologia francesa, eles preferiram que suas contribuições teóricas não constassem nesta obra. Optaram por participar dela na elaboração de alguns verbetes. Essa lacuna cria um espaço profícuo para novas publicações, que incluam suas produções fartamente reconhecidas no mundo acadêmico e entre os profissionais das organizações, comunidades e instituições que neles se inspiram.

A enorme receptividade que esta obra está tendo entre o público francês mostra que ela veio para um universo de leitores mais amplo do que apenas os estudiosos da Psicossociologia. Publicada no final de 2002, ela já se encontra em sua segunda edição e, brevemente, estará traduzida para o italiano e para o português.

O **Vocabulaire de psychosociologie** é um texto que merece ser consultado tanto por aqueles que consideram a Psicossociologia como disciplina de referência quanto pelos pesquisadores atentos aos estudos trans e interdisciplinares.

MARQUES, Maria Elizabeth; NEVES, Magda de Almeida; NETO, Antônio Carvalho. (Org.). Trabalho infantil: a infância roubada. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto de Relações do Trabalho, 2002. 248p.

Maria Ignez Costa Moreira*

Trabalho infantil: a infância roubada apresenta ao leitor o resultado da pesquisa realizada em julho de 2002 sobre o trabalho infanto-juvenil informal de crianças e adolescentes nas regiões do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas. Esta publicação só foi possível pela soma de esforços da Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais e da PUC Minas, através de seus institutos da Criança e do Adolescente e de Relações do Trabalho, e do Mestrado em Ciências Sociais – Gestão das Cidades.

O livro apresenta duas partes. Na primeira são apresentadas as diversas dimensões do trabalho infanto-juvenil. Os artigos discutem a realidade brasileira, e não especificamente o Vale e o Norte, apontando que o problema do trabalho infanto-juvenil é comum em todo o Brasil e, por isso, deve ser conhecido a fundo e devem ser pensadas políticas efetivas de combate e adequação.

O primeiro artigo, “Trabalho infantil: realidade, diretrizes e políticas”, aborda as causas socioeconômicas e culturais da exploração do trabalho infantil no Brasil e apresenta as estratégias de combate e prevenção a esse trabalho praticadas pelas instituições e programas específicos. O artigo apresenta ainda as normas legais para a erradicação da exploração do trabalho infanto-juvenil.

O segundo artigo centra-se na política governamental brasileira de combate ao trabalho infanto-juvenil e destaca o Peti – Programa de Erradicação do Trabalho Infanto-Juvenil. O terceiro artigo, de autoria da coordenadora do GECTIPA – Grupo Especial de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente/MTE-DRT-MG –, aborda os malefícios do trabalho precoce.

O quarto artigo discute a questão da exploração do trabalho infanto-juvenil em Minas Gerais, situação encontrada em todas as regiões do estado. Os autores desses quatro primeiros artigos são técnicos da Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais e profundos conhecedores da temática.

O quinto artigo discorre sobre os aspectos jurídicos da proibição do trabalho infantil e da proteção ao trabalho dos adolescentes. E o sexto artigo, que encerra a primeira parte, trata especificamente do trabalho informal, como modalidade que emprega largamente a mão-de-obra de crianças e adolescentes.

* Psicóloga, doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, professora do Instituto de Psicologia da PUC Minas. e-mail: imoreira@pucminas.br

A segunda parte do livro traz um conjunto de sete artigos, que apresentam e analisam os resultados da pesquisa realizada em 17 cidades localizadas no Norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha, regiões reconhecidamente pobres do estado. A equipe multidisciplinar de pesquisadores, formada por professores e alunos da PUC Minas, aplicou um extenso questionário em 847 crianças e adolescentes trabalhadores e 129 em pais ou responsáveis. Foram entrevistados ainda alguns técnicos de programas sociais destinados à assistência desse público.

O primeiro artigo discute questões metodológicas da pesquisa que interessam aos pesquisadores de modo geral. As autoras destacam a riqueza do uso associado de procedimentos qualitativos e quantitativos, pois possibilita um olhar mais amplo e aprofundado sobre o tema. Os capítulos 8 e 9 apresentam e discutem os dados sociopopulacionais, o perfil socioeconômico e cultural das crianças, dos adolescentes e de suas famílias. Os capítulos 10 e 11 já abordam as representações dessa população sobre o valor do trabalho e das políticas públicas.

São apresentados e discutidos os discursos das próprias crianças, adolescentes e suas famílias. Enfatiza-se que a compreensão dessas representações é fundamental na produção de políticas para a erradicação do trabalho infantil. Revela-se que o trabalho tem significado positivo pelas crianças, adolescentes e suas famílias, o que faz supor que, além da pobreza, o trabalho infanto-juvenil é praticado como afirmação de valores. As políticas públicas de erradicação da exploração do trabalho infanto-juvenil não podem, portanto, desconhecer esse universo cultural.

Finalmente, os artigos que encerram esta coletânea tratam da exploração sexual de crianças e adolescentes e da sexualidade e saúde reprodutiva dos adolescentes do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas. A pesquisa constata, ao mesmo tempo, a existência do comércio sexual, sobretudo de adolescentes, naquela região, e a necessidade de realização de nova pesquisa sobre esta questão, para que se possa conhecê-la com mais profundidade e produzir subsídios para políticas públicas voltadas para o combate da exploração sexual de crianças e adolescentes.

O livro interessa aos estudantes e profissionais de psicologia integrantes de equipes de pesquisa e de intervenção que têm se ocupado das crianças e adolescentes incluídos no mundo do trabalho e buscam conhecer as implicações dessa atividade precoce sobre o desenvolvimento afetivo, cognitivo, psicossocial desses sujeitos, e produzir metodologias inovadoras capazes de tornar mais eficazes os programas sociais de inclusão das crianças e dos adolescentes nas atividades escolares, de lazer e de cultura próprias a sua fase do desenvolvimento.